

A menção de elementos da cultura clássica e surrealista no rock progressivo: uma análise iconográfica da capa do álbum *Nursery Cryme* da banda Genesis

Antônio Carlos Henn da Silva Junior

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

Universidade do Estado do Amazonas

Em 1960 surgiu na Inglaterra um movimento intitulado rock progressivo, influenciado pelas manifestações da contracultura na segunda metade do século XX. A contracultura consistia, em grande parte, de jovens norte-americanos de classe média, brancos, que haviam rejeitado o estilo de vida de seus familiares, em prol de outro caminho (Macan, 1997, p.15). Essa nova expressão visava ir em direção oposta ao que estava sendo consumido na cultura de massa daquele momento, através de emissoras de televisão, rádios, filmes etc. Desse modo, os grupos musicais insurgentes começaram a lançar seus trabalhos, apostando em músicas mais longas e experimentais, com grande nível de virtuosismo técnico, comumente adotando referências da música erudita. Em 1971, a banda britânica Genesis lançou o álbum *Nursery Cryme*, contendo sete faixas. Esse trabalho foi inicialmente inspirado na atmosfera que a Inglaterra viveu no século XIX, durante o reinado da Rainha Vitória (1837 – 1901), época que foi então chamada de período vitoriano. Mas, tanto as músicas quanto a elaboração da capa do álbum também têm relações diretas com o movimento surrealista, que foi uma influência relevante para os grupos que moldaram o que conhecemos hoje como rock progressivo. Na intenção de fazer uma abordagem analítica dessa capa, usaremos como metodologia principal a proposta teórica de Erwin Panofsky (1976), pois, a partir dos pressupostos do autor é possível fazer uma análise que reconheça os significados presentes na arte de capa de *Nursery Cryme*. Ademais, fazer relações da cultura clássica com o material artístico pós-moderno da segunda metade do século XX.

As classes médias acreditavam que o rock era uma música primitiva na década de 1960, feita por pessoas de classes baixas, sem mérito estético (Macan. 1997, p.15). Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Chuck Berry foram alguns dos artistas desse período que se enquadravam nesse estilo musical, fazendo uso de canções com estruturas musicais simples e certo histrionismo visual nas performances. Mas, logo após o lançamento do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) muitas bandas tomaram como referência o caminho musical que os Beatles estavam propondo a partir deste álbum. Esse disco se tornou um marco ao apresentar pela primeira a ideia de um álbum conceitual, onde todas as músicas se conectam e o trabalho funciona como uma narrativa contínua. O saxofonista David Jackson (1947) do grupo Van der Graaf Generator's comentou a respeito: “*I remember vividly Sergeant Pepper coming out—there was this incredible buzz of sheer disbelief. Wherever you went people would be playing it. Suddenly, with this astonishing music anything seemed possible*”¹. Logo, no final da década de 60 começou a aparecer uma quantidade considerável de grupos inspirados nesse trabalho dos Beatles, mas indo além, ao fundir estilos como *jazz*, *blues*, *folk* e música erudita.

No entanto, o rock progressivo não se valeu apenas de uma estética musical, tendo, também, elementos visuais muito marcantes dentro da sua concepção. Algumas das pessoas que se identificavam com esse estilo e, aderiram ao movimento da contracultura, eram conhecidas como *Hippies*. Cabelos na altura dos ombros (tanto para homens quanto para mulheres), óculos escuros minúsculos, chapéus excêntricos, camisas estampadas, flores, miçangas e calças jeans desbotadas com boca de sino, serviam para identificar imediatamente uma pessoa como *hippie*.

A influência dos alucinógenos sobre o gosto da contracultura pela arte visual não pode ser subestimada: as roupas de cores vivas, os intrincados desenhos lineares e o surrealismo das capas dos álbuns de música, os pôsteres e a crescente popularidade dos shows de luzes com os concertos durante o final da década de 1980, foram os principais fatores que influenciaram a visualidade do rock progressivo (MACAN 1997, 16). O LSD (*lysergic acid diethylamide*) foi o alucinógeno mais comum dentre os usuários desse tempo. O “ácido”, como era chamado, também

1 “Lembro-me perfeitamente do lançamento do Sergeant Pepper - houve um incrível burburinho de pura descrença. Onde quer que você fosse, as pessoas estavam tocando-o. De repente, com essa música surpreendente, tudo parecia possível” (tradução nossa) (MACAN 1997, 15)

afetou a expressão verbal, como nas letras do músico americano de folk/rock Bob Dylan e dos Beatles, que a partir de meados da década de 1960, mostram uma tendência crescente ao surrealismo e a declarações elípticas, que eram bastante novas para a música popular, entretanto, representavam perfeitamente a abordagem dos hippies no campo da comunicação verbal (MACAN 1997, 17).

Sob esse prisma, Paul Whitehead foi um artista visual que teve bastante envolvimento com o rock progressivo, mediante seu estilo surrealista estar alinhado com as intenções artísticas dos grupos daquela época. Ele trabalhou nos anos 70 na gravadora Charisma Records, realizando trabalhos para grupos como Genesis, Van der Graaf Generator's e Pedro Hammill. Whitehead produziu a capa de três trabalhos do Genesis: *Tresspass* (1970), *Nursery Cryme* (1971) e *Foxtrot* (1972).

Na capa de *Nursery Cryme* (fig.1) é possível distinguir uma personagem feminina central segurando um taco de *croquet*, usando trajes comuns da era vitoriana. No canto esquerdo, ao lado da personagem central é possível ver uma segunda personagem, equilibrada por patins, segurando um objeto cilíndrico. Essa segunda personagem usa vestimentas que remetem à uma babá (*nurse*). O cenário é um campo de *croquet*, sendo possível reconhecer algumas cabeças decapitadas espalhadas pelo gramado. Além disso, no canto superior direito da imagem é possível ver uma casa vitoriana com algumas árvores ao redor. Whitehead usou na paisagem as cores verde e amarela, inicialmente separadas por linhas do campo. As linhas se afunilam para dentro do quadro, gerando uma sensação de continuidade e alguma confusão ótica, típica da Op Art, misturando-se definitivamente no horizonte ao fundo, agora acrescidas de detalhes em branco. No horizonte, para onde o olhar do observador é conduzido, está disposto o logotipo do grupo, enquanto ao seu lado está o título do álbum, *Nursery Cryme*.

A cena completa (fig.2) é descoberta apenas com a junção de imagem da capa com a contracapa, em que percebemos uma casa vitoriana, com bastante ornamentos, telhados inclinados e janelas que se projetam para fora da fachada com três lados. Também é possível constatar a presença de árvores na imagem, como na parte de frente da casa e algumas ao fundo da cena. No canto inferior esquerdo destaca-se uma planta conhecida como *Giant Hogweed*, que causou muitos transtornos no Reino Unido, durante a segunda metade do século XIX. Isto foi tratado

Iconografia Musical em perspectiva global: fluxos, trânsitos, transculturação de maneira humorística pelo grupo na canção *The Return of the Giant Hogweed*, terceira faixa de *Nursery Cryme*.

Fig. 1 – Capa do álbum *Nursery Cryme* (1971)



Fonte: <https://www.baratosafins.com.br/genesis-nursery-cryme-cd>

Fig. 2 – Imagem da capa e contracapa juntas



Fonte: https://www.reddit.com/r/Genesis/comments/fj8fl8/i_restored_a_high_quality_scan_of_nursery_crymes/?tl=pt-br

The Musical Box é a primeira faixa do álbum *Nursery Cryme*. Essa canção foi a principal inspiração para a capa do álbum. Para isso, Peter Gabriel criou um conto inspirado no estilo gótico literário e na atmosfera vitoriana, assim como em conceitos surrealistas, evocando cenas oníricas representadas não apenas pela capa do álbum, mas presentes na letra da canção e em elementos musicais como timbre, forma musical e andamento. No conto, os personagens infantis Cynthia Jane e Henry Hamilton são os protagonistas dessa história, que começa com a inusitada façanha da menina arrancando a cabeça do menino com um taco de *croquet*. Duas semanas após o ocorrido ela encontra uma caixa de música pertencente a Henry, no quarto onde eles recebiam cuidados de uma babá (*nurse*). Ao fazer a caixa tocar, ouve-se uma antiga canção popular britânica intitulada *Old King Cole*, seguida da aparição de Henry. O espírito de Henry, que envelhece rapidamente, quer se vingar de Cynthia, que é salva pela babá, após ouvir barulhos no quarto. A babá entra no quarto e destrói a caixa de música, fazendo Henry desaparecer.

A partir dessa narrativa é viável fazer algumas observações. O *croquet* citado no conto foi o primeiro desporto inglês competitivo organizado praticado pelas mulheres vitorianas ainda que isso fosse repreensível, à luz dos costumes conservadores da época (ANDERSON 2010, 115). Parece catártica a imagem de uma mulher se impondo mediante um homem nessa narrativa, através da decapitação, justamente num jogo de *croquet*. Não à toa os artistas do final do século XIX costumavam retratar esse jogo com ênfase nas mulheres. Winslown Homer (1836 - 1910) e Edouard Boutibonne (1816 - 1897) foram pintores do século XIX que retrataram mulheres como destaque em representações do jogo *Croquet*.

A referência histórica de uma mulher se impondo a uma figura masculina, decapitando-o não é fortuita. Um escrito presente no antigo testamento já tratava desse tema no livro de Judith, que arranca a cabeça de Holofernes para salvar seu povo e a si mesma. Esse episódio foi bastante retratado em música, literatura, ópera, pintura e cinema. Dentre as mais conhecidas obras com esse tema, há o famoso quadro *Judith e Holofernes* (1598), de Michelangelo da Caravaggio (1571-1610) e as composições *Judith I* (1901) e *Judith II* (1909), de Gustav Klimt (1862-1918), para citar apenas algumas das mais famosas. É possível que a representação de uma mulher que derrota um homem desse modo tenha entrado no imaginário popular,

ou que seja possivelmente uma apropriação de recorrência clássica pela cultura de massa, ao ser incorporada por Peter Gabriel em *The Musical Box* e por consequência, Paul Whitehead para a capa de *Nursery Crime*.

Fig. 3 – Edouard Boutibonne – *Croquet players* (1871)



Fonte: <https://buffaloakg.org/artworks/190919-croquet-players>

Portanto, ao analisar os elementos da capa de *Nursery Cryme* é possível fazer uma relação de elementos do movimento surrealista, bem como a influência de representações iconográficas que perpassam os séculos desde a antiguidade clássica até o que convencionamos chamar de pós-modernidade. Além disso, a dualidade entre o masculino e feminino é uma característica fundamental na construção da canção *The Musical Box*, de modo que essa canção foi a principal inspiração para a capa de *Nursery Cryme*. O interesse estético-musical que a gravadora Charisma Records teve pelas bandas de rock progressivo na década de 1960 e 1970 mostra que o movimento da contracultura foi expressivo, fazendo com que as gravadoras começassem a apostar financeiramente nesse segmento.

The Musical Box tem elementos em sua estrutura musical que dialogam com a narrativa do conto escrito por Peter Gabriel. Percebemos que de forma consciente as escalas são manipuladas para criar uma paisagem sonora convincente ao ouvinte, como como as dinâmicas, expressando os momentos que narram o conto

de Henry e Cynthia. Cynthia é tomada por um momento de catarse ao decapitar Henry, uma história comum desde o antigo testamento no livro de Judith. Nesse artigo usamos as representações de Judith ao longo dos séculos para demonstrar a recorrência desse tema, não sendo fortuito o caso de Cynthia se impor perante uma figura masculina, chegando a decapita-lo. O jogo de *croquet* do conto chamou atenção por ter sido um esporte que praticado por mulheres em maior quantidade, sendo o primeiro desporto na Inglaterra em que elas poderiam ter um time feminino no século XIX.

Portanto, é necessária uma quantidade maior de estudos iconográficos dentro do rock progressivo, trabalhos que busquem as relações entre a antiguidade clássica com a pós-modernidade, para que possamos ter uma visão mais clara ao discutir esse tema. Ademais, a reinterpretação dos movimentos de vanguarda na segunda metade do século XX parece ter uma recorrência, principalmente em movimentos que foram influenciados pela contracultura.

Referências

ANDERSON, Nancy Fix. **The Sporting Life: victorian sports and games**. Santa Barbara, California, 2010

GENESIS. **Nursery Cryme**. Trident Studios, 1971

MACAN, Edward L. **Rocking the classics: English progressive rock and the counterculture**. New York: Oxford University Press, 1997

PANOFSKY, Erwin. 1. Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao Estudo da Arte na Renascença. In **Significados nas Artes Visuais**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.